

REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 39 No. 2 Maio - Agosto 2026

RESUMO

CARTOGRAFIA ETNOGRÁFICA DAS MATERIALIDADES DA PRESENÇA NEGRA NO TERRITÓRIO DA ANTIGA REPÚBLICA DO CUNANI (SÉC. XIX-XXI)

Jelly Juliane Souza de Lima*

Há aproximadamente oito anos desenvolvo pesquisa no âmbito da arqueologia, em parceria com comunidades quilombolas localizadas na fronteira entre Brasil e Guiana Francesa. A pesquisa de tese de doutorado é resultado do meu envolvimento como pesquisadora na luta das comunidades quilombolas de Vila Velha do Cassiporé e Kulumbu do Patuazinho (Lima, 2018; Lima; Gambim Júnior, 2019). Nesse contexto, a partir da experiência com tais comunidades, percebi como as narrativas sobre o mundo material, criadas e recriadas nas diásporas africanas na fronteira, reverberam no presente (Lima, 2024). Os territórios quilombolas revelam memórias ativadas pela presença das materialidades, que diferem da sociedade nacional envolvente (Lima, 2024, 2025).

No final do século XIX, Brasil e França disputaram uma extensa área entre os rios Oiapoque e Araguari, que corresponde ao atual estado do Amapá (Cardoso, 2008; Gomes, 1999; Luna, 2011; Paz, 2017). Na região contestada, diferentes grupos indígenas, quilombolas, mocambeiros, escravos, crioulos das Antilhas e das Guianas, brancos pobres, migrantes nordestinos, assim como trabalhadores-pescadores, garimpeiros, pequenos comerciantes, agricultores, soldados, desertores, prisioneiros e fugitivos buscavam viver nesse território de liberdade (Cardoso, 2008). A fronteira, como uma construção política e simbólica, fez parte da ideia de nação em iminência e de ações colonialistas internas (Cardoso, 2008; Gomes, 1999; Luna, 2011).

Na antiga República do Cunani, a arqueologia participou ativamente na construção do território do Amapá, como instrumento colonial, da nação e de suas ideias – como o nacionalismo (Ferreira, 2007; Sanjad, 2005) –, mas invisibilizou a história material da presença negra nessa região (Lima, 2025). A pesquisa de tese desenvolvida ao longo desses anos partilhou a experiência de estudo realizada na vila do Cunani, conhecida na historiografia como quilombo do Cunani ou República do Cunani, ponto focal nas discussões sobre o Contestado Franco-Brasileiro. O objetivo principal desta pesquisa foi produzir uma cartografia das materialidades da presença negra no antigo território da antiga República do Cunani (séc. XIX-XXI). Como fontes da pesquisa, utilizei a oralidade

* Mestra em Arqueologia pelo Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Museu Nacional (MN) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: julianejelly@gmail.com
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1483-2874>

e as materialidades do passado e do presente contemporâneo, que se entrelaçam às histórias dos quilombolas.

Na introdução da tese, apresento como a história do Contestado Franco-Brasileiro e de seus heróis nacionais é um tema de interesse político em discursos que reverberam até os dias atuais e que se materializam em diferentes lugares do estado do Amapá, como estátuas, praças, nomes de instituições, ruas e marcos geográficos. Além disso, quando se trata da presença negra no Amapá, ou seja, de africanos e seus descendentes, há uma predominância de estudos voltados somente para as fontes documentais no âmbito da história a partir do período colonial, enquanto os estudos focados nas fontes arqueológicas ainda são muito esporádicos.

No capítulo 1, apresentei ao leitor a minha experiência com as comunidades quilombolas localizadas na fronteira entre Brasil e Guiana Francesa. Ao ter contato com os pedaços de igaçabas, objetos relacionados aos terreiros e às paisagens, percebi que o mundo material articulado com o imaterial ativava memórias que contavam histórias sobre a presença da população negra nesses territórios. Mais tarde, esses mesmos objetos despertaram minhas lembranças familiares, pois relembrei que minha avó materna foi uma mulher de terreiro, que possui como linha o caboclo Pena Verde. A convivência nessas comunidades levou-me a vivenciar processos de afetações, por estar em lugares de “corpo aberto”.

Nesse mesmo capítulo, mostrei a importância e a carência de estudos da arqueologia voltados para as comunidades quilombolas no estado do Amapá. Assim, discorri sobre como a arqueologia com viés colaborativo pode contribuir nas lutas pelo direito aos territórios ocupados pela população negra. É com essa bagagem de experiências – não só as boas, mas principalmente as negativas e desafiadoras, com as quais pude aprender – que cheguei ao lugar da pesquisa da tese de doutorado: a vila do Cunani, um quilombo com cerca de 247 anos de existência, localizada no município fronteiro de Calçoene (AP). Como parte da pesquisa, revisitei as narrativas dominantes construídas pela arqueologia e que invisibilizaram, por exemplo, a presença de africanos e seus descendentes no território brasileiro.

No capítulo 2, apresentei ao leitor o contexto histórico da região na qual está inserida a pesquisa. Como parte desse exercício, destaquei a presença dos indígenas e a chegada dos colonizadores. Em seguida, situei a chegada dos africanos e de seus descendentes que buscavam a liberdade e resistiram na fronteira entre o Brasil e a Guiana Francesa. Nessa região, formou-se a República do Cunani, lugar onde diferentes grupos, principalmente indivíduos e grupos afrodiáspóricos, buscavam refúgio durante as disputas entre Brasil e França. Nessa mesma localidade ocorreu uma intensa imigração de grupos negros das Guianas e das ilhas do Caribe para trabalhar na exploração do ouro durante os conflitos na região contestada.

Como parte importante desse capítulo, procurei mostrar como a arqueologia praticada pela expedição científica feita pelo Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG) gerou informações que ajudaram na resolução da disputa pelo território. Busquei mostrar também como a arqueologia invisibilizou a presença negra nesse território. Como desdobramento do capítulo 2, finalizei com uma exposição sobre a situação atual da fronteira entre Brasil e Guiana Francesa, ao elencar características da região, como as dificuldades do trajeto de viagem pela BR-156, o colonialismo, o racismo, as disputas territoriais com a sociedade envolvente, o interesse pela exploração de petróleo sem consulta prévia às comunidades quilombolas, o nacionalismo vigente e a geografia que ignora até hoje a presença das populações negras nos quilombos.

No capítulo 3, apresentei uma contranarrativa por meio da arqueologia e do uso de diferentes metodologias. Nesse sentido, ofereci exemplos de pesquisas realizadas no Brasil e na Amazônia transnacional voltadas para a arqueologia histórica e a arqueologia da diáspora africana. Nesse breve histórico, é possível perceber como abordagens teóricas, metodológicas e temáticas se transformam ao longo do tempo. Da mesma forma, apresentei ao leitor as escolhas da pesquisa em relação à arqueologia histórica e à arqueologia da diáspora africana para o contexto da pesquisa de tese (e.g., Orser Jr., 2014; Sampeck; Ferreira, 2020; Funari, 2007; Singleton, 2015).

O texto também discorreu sobre perspectivas globais, de escalas e de redes de conexões que envolvem o contexto histórico pesquisado. Além disso, indiquei como a arqueologia pode lidar com contextos históricos que envolvem cenários multiculturais, ao envolver discussões conceituais como etnogênese e transculturalidade no passado (p. ex.: Deagan; Crucent, 1993; Stein, 2005). No tempo presente, a arqueologia se entrelaçou com a oralidade, a memória e os diferentes tempos acionados pelos colaboradores da pesquisa (e.g., Bâ, 2010; Machado, 2013). Ao visar construir uma contranarrativa na arqueologia, a pesquisa contou com o uso de diferentes metodologias, como a história oral, a etnografia apropriada pela arqueologia e o mapeamento, como formas de inclusão e de registro de informações que permitem a construção de um conhecimento histórico participativo (e.g., Alberti, 2004; Burke; Smith, 2008; Castañeda; Matthews, 2008; Zarger; Pluckhahn, 2013).

No capítulo 4, apresentei meu diário de campo, ou seja, o momento de chegada na comunidade quilombola conhecida como vila do Cunani, localizada no município fronteiro de Calçoene (AP). Em seguida, expus como se deu a consulta prévia e pública sobre a pesquisa de tese a ser então desenvolvida na comunidade e o diálogo com os moradores. Com a aprovação da pesquisa e como forma de contribuir com a comunidade, também passei a participar de reuniões que envolvem demandas de interesse dos moradores, tendo como representação a associação da comunidade. Em diferentes momentos, estive presente em instituições como a Defensoria Pública da União (DPU) para tratar sobre a ausência do espaço escolar na comunidade.

No Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), no Amapá, reuniões tiveram como pauta o patrimônio cultural da comunidade. Além disso, realizei articulações como visitas ao acervo do Cunani, resultado da escavação da expedição científica feita por Emílio Goeldi no final do século XIX e que se encontra no MPEG. Em eventos organizados por organizações não governamentais (ONGs), discutimos o impacto da exploração do petróleo na costa do Amapá. Da mesma forma, minha convivência também se fez presente nos momentos de lazer e diversão da comunidade – nos jogos de futebol, no festival do caranguejo, no encontro dos tambores e nos passeios pelo rio Cunani.

No capítulo 5, apresentei os resultados da pesquisa de campo e do uso de métodos como a etnografia apropriada pela arqueologia, a história oral e o mapeamento, que permitiram o registro de informações. A partir do território da comunidade quilombola da vila do Cunani, elenquei categorias como lugares, objetos, celebrações, formas de expressão e saberes. Essas categorias, inicialmente, visaram organizar textualmente as informações. Assim, em alguns momentos, o texto conta com entrevistas de colaboradores reforçando a categoria apresentada. Ao cartografar o território da comunidade quilombola do Cunani, foi possível conhecer as experiências de como os quilombolas reconhecem sua história, tendo como referência não só o mundo material, mas também o imaterial. Ao sair de uma visão de arqueologia restrita somente ao passado, sobre sítios arqueológicos multicomponenciais, foi possível registrar a relação

da comunidade quilombola do Cunani com práticas contemporâneas, reforçando a importância do território ocupado pelo grupo.

Como parte da pesquisa, em uma perspectiva da arqueologia histórica com foco em escalas globais e locais, realizei o exercício de descrição de quatro objetos arqueológicos (cerâmica indígena, louça, garrafa de grés e cachimbo) que representam conexões entre pessoas e seus lugares de origem. O contexto arqueológico da antiga República do Cunani mostra como, desde o passado, os africanos e seus descendentes vêm se apropriando e se reapropriando de objetos que não faziam parte de suas práticas culturais, mas foram ressignificados e dão sentido à sua história. Os objetos arqueológicos utilizados pelos africanos e seus descendentes sinalizam processos históricos de contatos, redes e transculturações no passado. Assim, também problematizei a ideia de um sítio arqueológico, pois nem sempre as práticas culturais dos africanos e seus descendentes podem ser encontradas nesse tipo de local. Os quilombolas se apropriam de objetos que se encontravam disponíveis nas teias ou redes que existiam na floresta, como vem demonstrando o contexto arqueológico da antiga República do Cunani.

As considerações finais retomam as ideias apresentadas nos capítulos da tese, mas, principalmente, o objetivo da pesquisa, os problemas levantados, bem como as vantagens e limitações que a cartografia pode apresentar. A proposta da cartografia, mesmo que limitada a representar no mapa as categorias como formas de expressão e saberes, pela questão imaterial, é uma tentativa de contribuição para dar visibilidade, por meio da arqueologia, a essa comunidade – diferentemente de um mapa produzido pelo Estado. Para finalizar, elenco o que pode ser considerado como perspectivas futuras de pesquisas participativas que envolvam a comunidade quilombola da vila do Cunani.

Ao estar na comunidade, era imprescindível que os poucos moradores que não foram desterritorializados, ou seja, que não perderam o vínculo com o território, participassem da pesquisa para trazer suas próprias narrativas sobre as materialidades do passado e do presente contemporâneo, explicando a história do seu território. Na pesquisa, contei com colaboradores mais velhos, como Rodivaldo Chagas, Rosa dos Santos, João Chagas, Olga dos Santos, Domingos Damasceno, Marilza Damasceno, Marlúcia Damasceno, Genivaldo da Silva, Meire Ramos e Manoel Alves. Assim, foi possível organizar, como resultados da pesquisa de tese de doutorado em torno do território, categorias como lugares, objetos, celebrações, formas de expressão e saberes dessa comunidade quilombola. A pesquisa de tese realizada na região do Cunani contribuiu ao situar, na linha do tempo, a presença negra no antigo território do Contestado Franco-Brasileiro (séc. XIX–XXI), que foi apagada pela arqueologia colonialista (Lima, 2025).

AGRADECIMENTOS

Ao financiamento da pesquisa concedido pela Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (Fapema); ao Programa de Pós-Graduação em História (PPGHIS) da Universidade Federal do Maranhão (UFMA); e ao Prof. Dr. Alexandre Guida Navarro pela orientação. Agradeço à parceria da Associação de Remanescentes de Quilombos do Cunani e de seus moradores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. *Ouvir contar: textos em história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BÂ, Amadou H. A tradição viva. In: KIZERBO, Joseph (ed.). *História geral da África, I: metodologia e pré-história da África*. 2. ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010.

- BURKE, Heather; SMITH, Claire; ZIMMERMAN, Larry. *The archaeologist's field handbook: North American edition*. Lanham (US): Altamira, 2008.
- CARDOSO, Francinete S. S. *Entre conflitos, negociações e representações: o contestado franco-brasileiro na última década do século XIX*. Belém: Associação de Universidades Amazônicas, Universidade Federal do Pará, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, 2008.
- CASTAÑEDA, Quetzil; MATTHEWS, Christopher. *Ethnographic archaeologies: Reflections on stakeholders and archaeological practices*. Lanham (US): AltaMira Press, 2008.
- DEAGAN, Kathleen; CRUXENT, José M. From contact to Criollos: the archaeology of Spanish colonization in Hispaniola. In: *Proceedings of the British Academy*. Oxford (GB): Oxford University Press, 1993.
- FERREIRA, Lúcio M. *Território primitivo: a institucionalização da Arqueologia no Brasil (1870-1917)*. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, 2007.
- FUNARI, Pedro P. A. *The archaeology study of African diaspora in Brazil*. In: OGUNDIRAM, Akin; FALOLA, Toyin (orgs.). *Archaeology of Atlantic Africa and the African diaspora*. Bloomington (US): Indiana University, 2007.
- GOMES, Flávio S. *Nas terras do Cabo Norte: fronteiras, colonização e escravidão na Guiana Brasileira (séculos XVIII-XIX)*. Belém: Editora Universitária/UFPA, 1999.
- LIMA, Jelly J. S. *Projeto “Memórias da terra: patrimônio arqueológico da comunidade de Vila Velha do Cassiporé”*. Macapá: Itaú Rumos Cultural, 2018.
- LIMA, Jelly J. S.; GAMBIM JÚNIOR, Avelino. *Projeto Quilombolas do norte do Amapá (séc. XVIII-XXI): história, etnografia e arqueologia*. Macapá, 2019.
- LIMA, Jelly J. S. A presença negra na Amazônia revelada pela arqueologia. *Ciência Hoje*, dez. 2024. Disponível em: <https://cienciahoje.org.br/artigo/a-presenca-negra-na-amazonia-revelada-pela-arqueologia/>. Acesso em: 8 ago. 2025.
- LIMA, Jelly J. S. Cartografia etnográfica das materialidades da presença negra no território da antiga República do Cunani (séc. XIX-XXI). Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História (PPGHIS) da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), São Luís, 2025.
- LUNA, Verônica X. *Entre o porteau e o volante: africanos redesenhando a Vila de São José de Macapá-1840-1856*. João Pessoa: Editora Sal da Terra, 2011.
- MACHADO, Vanda. *Pele da cor da noite*. Salvador: Edufba, 2013.
- ORSER JR, Charles. *A primer on modern-world archaeology*. Principles of Archaeology. New York (US): Eliot Werner Publications Inc., 2014.
- PAZ, Adalberto F. *Repúblicas contestadas: liberdade, trabalho e disputas políticas na Amazônia do século XIX*. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, 2017.
- SAMPECK, Kathryn E.; FERREIRA, Lucio M. Delineando a arqueologia afro-latino-americana. *Vestígios*, v. 14, n. 1, p. 141-168, 2020.
- SANJAD, Nelson. *A Coruja de Minerva: o Museu Paraense entre o Império e a República (1866-1907)*. Tese (Doutorado em História das Ciências) – Programa de Pós-Graduação em História das Ciências da Saúde da Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2005.

- SINGLETON, Theresa. *Slavery behind the wall: an archaeology of a Cuban coffee plantation*. Gainesville (US): University Press of Florida, 2015.
- STEIN, GIL. Introduction: the comparative archaeology of colonial encounters. *In: The Archaeology of Colonial Encounters: comparative perspectives*. Santa Fe (US): School of American Research Press, 2005.
- ZARGER, Rebecca; PLUCKHAHN, Thomas. Assessing methodologies in archaeological ethnography: a case for incorporating ethnographic training in graduate archaeology curricula. *Public Archaeology*, v. 12, n. 1, p. 48-63, 2013.